

F U T E B O L   B R A S I L E I R O

Inconsciente coletivo, fator de  
unidade, nivelamento social  
e expansão nacional

F U T E B O L    B R A S I L E I R O

Inconsciente coletivo, fator de  
unidade, nivelamento social e  
expansão nacional

por  
HOMERO HOMEM DE SIQUEIRA CAVALCANTI  
estagiário pela Escola de Comunicação

Trabalho apresentado no Curso  
de Atualização de Estudos de  
Problemas Brasileiros

FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1975

## S U M Á R I O

- 1 - INTRODUÇÃO
- 2 - INCONSCIENTE COLETIVO
  - 2.1 - Futebol e expansão demográfica
  - 2.2 - Futebol e nivelamento social
- 3 - FUTEBOL E REVOLUÇÃO BRASILEIRA
  - 3.1 - Futebol, fator de unidade e expansão nacional
  - 3.2 - Futebol e inconsciente coletivo
- 4 - CONCLUSÕES
- 5 - BIBLIOGRAFIA

## 1 - INTRODUÇÃO

Ao sol da aparência - dir-se-ia que o Fla x Flu é o espetáculo mais carioca de todos quantos temos a oferecer, inclusive o Carnaval. Mas, despojado de suas cores de festa e reduzido à essência de si mesmo, ele transcende de significação. A bola, ou gameta masculino, ou sêmen, impulsionado por um varão chamado Atleta ou Atacante, busca penetrar através de um sistema virgem, fechado, na madre feminina - as traves do gol. Procura fecundá-la para criar um ser vivo, de concreta representação aritmética no placar, chamado gol. A um mecanismo de aparências e concretitudes que se processam ao nível visual, mensurável pelo olhar da multidão, corresponde este outro, mais secreto e brasileiro: o ato sexual alegorizado através do futebol, como reafirmação lúdica da própria vida nacional manifestando-se em forma de exorcismo e de negação da antívida - a morte representada pelo não-gol com sua frustração coletiva. Em nível comunitário, trata-se de uma obscura manifestação de geo-política brasileira que não aflora à zona de consciência de multidão, mas é o próprio inconsciente nacional projetando-se no campo de futebol. Esse espetáculo/orgasmo do gol corresponde à necessidade de fecundação do vazio demográfico nacional, é uma forma de não genético à nossa solidão histórica dos milhares de quilômetros quadrados sem a marca de um pé humano, nativo ou aqui aportado, ou só tardiamente ocupados, desbravados, desvirginados.

## 2 - INCONSCIENTE COLETIVO

É flagrante que a bola e a rede assumem um obscuro signifi -

cado geo/sexual na imaginação popular. Leonor, Maricota, a criança são símbolos - gírias de uma dualidade familiar - mulher/filho - com seu circuito aberto/fechado e sua possibilidade de expansão demográfica, necessidade multissecular nascida à sombra da nossa religiosidade histórica e da idéia de povoamento pela expansão do clã familiar. Por este motivo é que o nosso torcedor prefere o futebol-gol e repele as táticas defensivas que o limitam, do mesmo modo que os casais brasileiros, notadamente no interior, resistem instintivamente aos anticoncepcionais, o antigol genético, aliado indesejável dessa solidão/histórica do brasileiro que precisa ser superada e não institucionalizada, enquanto não atingirmos o nível de população ideal.

#### 2.1 - Futebol e expansão demográfica

Dir-se-á que o comportamento do brasileiro em campo é igual ao de qualquer torcedor, europeu ou não.

Aparentemente, opor-se-á. A retranca - a limitação de gol - é invenção dos povos que restringem a natalidade. A nossa filosofia tática de jogo rebela-se contra a retranca e o ferrolho, que na subjetividade de seu simbolismo seria uma sobrevivência psicológica da ideologia sexual do europeu, do senhor da mulher medieval, inviolável, refletida no futebol. O ferrolho - diz uma personagem de romance do futebol - é o cinto de castidade do gol.

#### 2.2 - Futebol e nivelamento social

Apontar-se-ia também o futebol como o grande nivelador social brasileiro. Para um jogador do Fluminense no passado, o casquete e o blazer eram quase obrigatórios em campo; representavam a compostura, a desportividade de maneiras; mas também a dependência ao traje importado da classe dirigente que já era a espinha dorsal deste país - a classe média. Única que tinha o privilégio social

da prática do futebol. Cinquenta anos depois, Garrincha, "a alegria do povo", despedia-se do público do Maracanã, no jogo da gratidão, apenas de calção. E foi assim que cumprimentou o próprio Presidente da República. O episódio seria sintomático desse despojamento, dessa niilização social do futebol brasileiro, dessa aculturação - a vitória do índio nu e do negro seminu sobre o branco vestido - minimizando em campo e no convívio social as barreiras de classe e status. Sintomático, principalmente como traço da revolução permanente e da simplificação criativa de nossa gente.

### 3 - FUTEBOL E REVOLUÇÃO BRASILEIRA

Cada povo faz a sua revolução e uma só revolução - disse Nietzsche. - Isto também se aplicaria a nós brasileiros?

Dir-se-á que sim. O povo francês fez a sua Revolução e cedeu a patente ao mundo. Os norte-americanos, idem. Os russos, também. Chineses e cubanos, embora copistas dos eslavos, igualmente. Mas isso não quer dizer que sigamos carneiramente esses modelos, importemos as patentes, qualquer delas, e as apliquemos ao acaso da moda política ou ao sopro dos ventos do improviso nacional. Nem mesmo, tomada em bloco, a própria revolução norte-americana, a cuja galáxia histórica estamos ligados desde que o estudante brasileiro, Joaquim da Maia conversava, em 1786, em Paris, sobre a independência e a republicanização do Brasil, com o representante dos Estados Unidos, Thomas Jefferson. Sim, - cada povo faz a sua revolução e a do Brasil também está sendo feita; se não serve para os outros, serve para nós. A nossa revolução, - essa contribuição que temos a dar ao contemporâneo e ao semelhante em escala nacional e mundial, quando chegar a hora histórica brasileira, que, aliás,

já soou. Dir-se-ia que todos os povos, cada um a seu tempo, participam da Roda da Fortuna humana e dizem a que vieram. E que a ilusão das ideologias sectoriais como solução global para o homem, como a dos movimentos morais e religiosos unilaterais ou farisáicos, resultariam de "um erro de enfoque: uns e outros não percebem que o mundo sempre se dividiu em povos/luz e povos/espelho. Uns irradiando, outros consumindo passivamente e refletindo - luz já fria - esse combustível da História que dá calor e vida material e espiritual ao homem e, por si só, justifica a sua passagem pela Terra. Tímida ou acelerada, consciente ou inconsciente, a revolução brasileira sempre existiu; mas os que confundem aparência com essência e rótulo com conteúdo - nem sempre tiveram olhos de ver, nem luneta de alcance isenta para contemplar, ao longo dos séculos brasileiros, o gene de sua presença viva, movendo-se no mapa da nossa História. A revolução está aí - NA CARA, como diz o povo com a sua gíria linguística -, forma larvária de revolução, também -; vem do I e II PND e, noutra plano, obscura e empírica, desce também do morro na língua/fermento desse pão oral/visual consumido pelo brasileiro, que são as letras de sambas, a "língua" do rádio e da TV. Mas os cegos ideológicos com seus entrepostos de secos & molhados, mal aclimados nacionalmente, continuam a reclamar a sua ausência, uns até a se fazerem condenar idealmente por ela.

### 3.1 - Futebol fator de unidade e expansão nacional

A revolução, há séculos, bate às nossas portas - é a Independência, é o Carnaval, é o Futebol, é a Petrobrás, é a mocidade de um Castro Alves, é um Rondon ou um Euclides, um José Bonifácio, um Vila Lobos, um Floriano, um Marechal Castelo Branco, um Dr. Abreu da abreugrafia; são os 18 do Forte, é a Língua falada no Brasil, é uma Transamazônica, é Brasília, são as agências do Banco do Brasil

abertas a duras penas na área do dólar e da libra, são as regiões de progresso estonteante coexistindo com as de retardo conflitante - o machado de pedra ao lado do computador, o ciclo agrário medieval nordestino e as zonas superfabris ao Sul - é o desafio, a incógnita, a ameaça da neomissanga tecnológica importada em forma não prioritária e pára-ociosa, é o complexo costeiro versus trilhas de penetração - é todo um substrato residual do vasto componente de tacho-de-engenho quente versus alto-forno fervente, emergente. Nunca, porém, descrente, morrente - porque tudo isso é sinal de saúde, de crescimento, é necessidade de mais cálcio, mais ferro, mais vitamina, novas calças compridas, mulher. Enquanto isso, paradoxalmente, em certas áreas ditas "avançadas" o retardo, o atraso, a distorção, a perplexidade: a alienação das coortes de intelectuais rotulados "de esquerda", e "de direita", pensando em inglês, latim, chinês, cubano e russo os problemas brasileiros, como, no passado, pensavam em francês e escreviam em português de Portugal.

Contudo, muita coisa desse processo é substrato cultural e data do passado. Há setenta anos a inteligência brasileira também se comportava de maneira tão contraditória que deixaria o próprio Marx grogue com apenas uma dose, que dirá seus inócuos diluidores/consumidores de bar da Zona Sul/75. Coelho Neto, aristocrata por opção, frequentador das reuniões grã-finas do Fluminense, era defensor do futebol como esporte para a elite e o próprio povo. Lima Barreto, mulato, fechado, alcoólatra, genial, carioca humilde de Todos os Santos, "maximalista", - o comunista da época - chegou a fundar uma Liga contra o Futebol, assim como Luiz Carlos Prestes, meio século depois, nos começos da campanha nacional do petróleo e da Petrobrás, iria contra este movimento grandioso por motivo de economia ideológica interna e externa do PC de en -

tão. É que um e outro - Lima e Prestes - raciocinavam, naqueles casos, de fora para dentro em matéria de Brasil: importavam preconceitos e esquemas ideológicos, exatamente como os ricos e os nobres da Colônia e do Império importaram queijos & vinhos & indumentárias & idéias culturais alienígenas, durante séculos. Uns e outros não compreenderam que o Brasil não se construiria ideológica e socialmente de fora para dentro; mas, de dentro para fora, crescendo, ao Sol do trópico, de si para si, pela força da bioquímica intrínseca das sociedades multigeradoras e exportadoras de novos padrões culturais, éticos, econômicos e sociais criativos. Para uma sociedade, uma civilização e uma democracia deste tipo, o Brasil, fatalizado pelo estigma da condição histórica de grande potência, trabalha e já anuncia a festa da cumeeira da casa nova da gens humana. A "confusão" nacional é produto disto: paredes velhas ruindo, novas estruturas que se erguem, firmes, elevando-se até o futuro - agricultura de safras exportáveis, indústria necessariamente controlada pela não poluição, homem vestindo-se, calçando-se, alfabetizando-se, nutrindo-se, educando-se. Embora a casa social humana, em construção, seja sempre o resultado da anterior, que se vai demolindo aos poucos, e parte do material velho seja sempre aproveitado como bom, uma viga aqui, um aposento acolá, só uma coisa não se perdoará à revolução brasileira: a timidez, a macaqueação estrangeira desnecessária, a tibieza, o temor do experimento e da criatividade. Pois que estes dois últimos itens citados são, precisamente, a nossa contribuição ao homem contemporâneo e ao mundo que ele habita dentro e fora do Brasil. Há quinze anos passados, forjamos uma lei antidiscriminatória da cor da pele humana - e foi essa uma hora solar nacional.

Há meio século o povo brasileiro tomou conta do futebol e transformou-o em coisa sua. Daí em diante esse esporte passou a

crescer e a ser grande de fato, porque tudo o que vem das raízes e se reflete nas folhagens traz a marca da grandeza nutriente. Aconteceu assim também com o Carnaval, brincadeira de ricos e nobres nos salões coloniais e imperiais - e hoje "coisa de rua", "coisa do povo" humilde das escolas de samba. É que no Brasil o processo histórico/social se desenvolve sob a liderança de uma elite aceleradora do samba-enredo da História Pátria. Tradicionalmente, essa dança da elite no salão principal, essa quadrilha da História, o povo assistia no sereno, do lado de fora. Espiando, apenas? - Não, aprendendo os passos da nova dança. Quando os decora e passa a executá-los, executa-os até melhor, com mais graça e criatividade. Foi assim com o Futebol e com o Carnaval, "coisas do povo", depois de terem sido "coisas de branco" e "de rico". Hoje, esse "branco", ou seja, a elite social, turística, econômica, que desaprendeu de brincar, assiste no "sereno" das arquibancadas o desfilar e as vitórias do Carnaval humilde e anônimo do Brasil. A vedete do espetáculo seria a massa. A classe média, o espectador.

### 3.2 - Futebol e inconsciente coletivo

Bandeiras tricolores e bandeiras rubro-negras. Síntese heróica de um Brasil acontecido ontem, tão contemporâneo e à flor da pele como se a história contada por elas ainda estivesse por acontecer. Verde e vermelho da bandeira Fluminense. Mas também da coroa lusitana que identificava a classe ocupadora da terra em luta por sobreviver no Brasil pré-independente de 1822. Verde e vermelho, símbolo heráldico do poder da classe - nacionalidade que perdia terreno histórico, cedia lugar à outra, mais nacional e nativa com seu escudo mesclado subjetivamente de rubro e de negro, cores afeiçoadas dos movimentos democráticos dos

povos de todo o mundo, representativas aqui, como na Itália de Dante, ou no Império Romano, das lutas entre burgueses e patrícios, dirigentes e dirigidos, escravos e homens livres. Associados ao branco estabilizador, o verde e o vermelho das bandeiras fluminenses desfraldam ainda hoje, aos ventos rumorosos do Maracanã, as cores subjetivas dessa realidade social, política e econômica ainda à flor da pele do processo político que sofreu uma triplíce estocada de José Bonifácio, Pedro I e Dona Leopoldina. E ainda sobreviveu e sobrevive, pois 150 anos de História são nada na vida de um povo - dir-se-ia realidade não acontecida, mas acontecendo. Pois os artefatos de uma comunidade política e social como o Brasil são como os da cobra: não morrem nem se refazem ao mesmo tempo; não são estanques, mas descontínuos. Este ainda vibra, depois do golpe violento que comprometeu a própria cabeça do imenso ofídio social; aquele agoniza, outro está morto, mas um quarto e um quinto anéis ainda se mexem e se refazem, fênix refratária ao lento deixar-de-ser social que é a forma de morrer das sociedades superadas. Bandeiras rubro-negras, esperança obscura do homem do povo de todos os tempos. Drapejam elas, ao sol brasileiro do Maracanã, sobre milhares de cabeças cheias de sonhos, mágoas, esperanças em um secreto devenir de paz e justiça social duradouros. Drapejam aqui e agora, como eternamente drapejaram por cima da esperança no devenir de uma melhor condição humana, no velho Egito, na Índia pré-Budista, na China confuciana, no topo do monte Arará, no mastro da arca de Noé, o sinal de ramo de flor no bico de uma pomba branca, aliança do homem com um Deus social homogenista, cordial com os povos viventes à face da Terra por obra e graça Sua, mas ainda separados uns dos outros, atrasados muitos, avançados uns poucos na marcha, desencontrados todos. Bandeiras tricolores, drapejantes fantasmas de uma classe dirigente extinta, absorvida pela que a ela se opôs e a su -

perou no campo da História. Bandeiras rubro-negras desfraldadas, pele e sangue do brasileiro tribal vindo de longe, ou aqui fabricado no cobre da pele e no rubro végeto-mineral do sangue livre que lhe corria nas veias. Rubro/negra miscigenação de cores e de obscuros instintos sexuais seletivos, desabrochados para gerar o entretom da epiderme social e o derma psicológico profundo do nosso povo, síntese de tônus moreno das três raças teluricamente alegres - nunca tristes - como queria Olavo Bilac -, a fabricarem a graça fecundante de um povo mesclado de inventiva e nobreza - um Cassiano Ricardo, de grossos lábios de polpa vegetal; a testa escampa e larga de um Gonçalves Dias com seu gênio; ou a fina flor racial com travo e sabor de nectar de uma Aizita, rainha da beleza e Miss Brasil.

#### 4. CONCLUSÕES

- 4.1 O futebol no Brasil projeta muito do inconsciente social do povo brasileiro, como fator de reafirmação de uma obscura geopolítica de povoamento nacional e de ocupação da terra por nós mesmos, pela expansão do clã e da prole povoadores do território nos séculos da ocupação: futebol-gol, tática brasileira de ataque, culto do goleador, forma obscura de afirmação do gol-genético, de vida e expansão demográfica nacional, em oposição ao futebol defensivo dos povos europeus saturados populacionalmente.
- 4.2 Um Fla x Flu funciona como espetáculo lúdico-desportivo e registro inconsciente da memória política nacional; reproduz as lutas da Independência; é o tricolor da

bandeira lusa versus o rubro-negro dos escudos e símbolos dos movimentos democráticos da história do homem europeu e afro-brasileiro. O "Négo" da bandeira rubro-negra do Estado da Paraíba é, igualmente, projeção consciente disso. A classe histórica menos nacional e mais luso-européia se choca com a classe mais nativa e mais brasileira na simbologia do Fla x Flu.

- 4.3 O futebol brasileiro é, finalmente, fator de unidade linguística (transmissões desportivas) e nivelamento social e confraternização inter-classes, nos estádios e clubes, decorrente das vitórias nacionais nos campeonatos do Mundo.

## B I B L I O G R A F I A

- 1 - CUNHA, Ovídio. Ementa de cultura brasileira.  
Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Geografia, 1974
- 2 - HOMEM, Homero. O goleador; romance. Rio de Janeiro,  
Ed. Americana, 1974.
- 3 - PEDROZA, Milton. Gol de letra; antologia do futebol.  
Rio de Janeiro, Ed. Gol, 1967.
- 4 - ----- . Na boca do túnel. Rio de Janeiro, Ed. Gol, 1968.

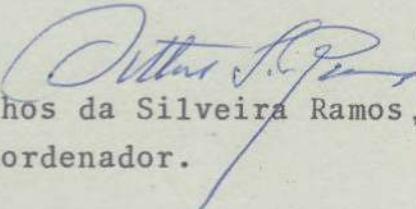
Monografia apresentada ao Coordenador do Curso

F U T E B O L B R A S I L E I R O

Inconsciente coletivo, fator de  
unidade, nivelamento social  
e expansão nacional

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, julho de 1975

  
Athos da Silveira Ramos,  
Coordenador.